

em fuga

nora roberts

Tradução de Isabel Penteado

*Para a minha família,
a de sangue e a do coração*



PRIMEIRA PARTE

INOCÊNCIA PERDIDA

Filhas, isso é que é bom.

— J. M. BARRIE



*Uma criança ama toda a gente, amigos,
E a sua natureza é doce... até algo acontecer.*

— FLANNERY O'CONNOR

CAPÍTULO UM

Big Sur, 2001



Quando Liam Sullivan morreu durante o sono, aos noventa e dois anos, deitado na cama ao lado daquela que era sua mulher há sessenta e cinco anos, o mundo chorou.

Havia desaparecido um ícone.

Nascido numa pequena casa de campo rodeada de colinas e campos verdejantes, perto da aldeia de Glendree, no condado de Clare, fora o sétimo e último filho de Seamus e Ailish Sullivan. Havia passado fome em tempos de carência e nunca esquecerá o sabor do pudim de pão e manteiga da mãe — nem do peso da sua mão, sempre que merecera.

Havia perdido um tio e o irmão mais velho durante a Primeira Guerra Mundial e sofrera a perda de uma irmã, que falecera antes de completar os dezoito anos durante o parto do segundo filho.

Havia conhecido, desde muito novo, o trabalho árduo de lavrar um campo com um cavalo chamado *Moon*. Havia aprendido a tosquiá ovelhas, a abater cordeiros, a ordenhar vacas e a construir muros de pedra.

E, durante toda a sua longa vida, nunca esquecerá as noites em família ao redor da fogueira — o cheiro a fumo de turfa, a voz angelical da mãe levantada em canto, o pai sorrindo para ela enquanto tocava o violino.

E os bailes.

Ainda menino, havia conseguido ganhar alguns trocos a cantar no *pub*, enquanto os locais bebiam cerveja e falavam de agricultura e política. A sua potente voz de tenor era capaz de emocionar, e a sua agilidade corporal e o movimento rápido de pés animavam quem o via dançar.

Liam sonhava com mais do que lavrar campos e ordenhar vacas, com muito mais do que os trocos que ganhava no pequeno *pub* de Glendree.

Pouco antes de completar dezasseis anos, saiu de casa com umas preciosas libras irlandesas no bolso e suportou a travessia do Atlântico no espaço exíguo de um porão, juntamente com outros que buscavam algo mais. Quando o navio se agitou durante uma tempestade e o ar se encheu de fedor a vômito e medo, deu graças pela sua constituição férrea.

Muito aplicadamente, escreveu cartas à família, que esperava enviar no final da viagem, e manteve o ambiente animado entretendo os seus companheiros de viagem com canções e dança.

Teve um namorico e trocou beijos ardentes com uma rapariga de cabelos claros chamada Mary, que era de Cork e viajava para Brooklyn para servir numa casa chique.

Estava com Mary ao ar fresco — finalmente ar fresco — quando viu a grande dama de braço erguido e tocha na mão. E pensou que a sua vida havia realmente começado.

Tanta cor, ruído e movimento, tantas pessoas apertadas no mesmo sítio. Ele não estava apenas a um oceano de distância da quinta onde havia nascido e crescido, pensou. Estava a um mundo de distância.

E era agora o seu mundo.

Comprometera-se a aprender com Michael Donahue, irmão da mãe, o ofício de talhante no Meatpacking District. Foi bem recebido, abraçado e ficou num quarto que partilhava com dois dos seus primos. Apesar de em poucas semanas ter começado a detestar os sons e os odores daquele trabalho, ganhava o seu sustento.

Porém, sonhava com algo mais.

E encontrou-o na primeira vez em que gastou um pouco daquele dinheiro ganho à custa de muito esforço, para ir ao cinema com Mary dos cabelos louros. No ecrã descobriu magia, mundos muito além de tudo o que conhecia, mundos com tudo o que um homem podia desejar.

Ali não existiam os ruídos das serras para ossos, nem as pancadas fortes dos cutelos. Até a bonita Mary se desvaneceu quando ele se sentiu puxado para dentro do ecrã e do mundo que este lhe oferecia.

As mulheres bonitas, os homens heroicos, o drama, a alegria. Quando voltou à realidade, olhou em volta e viu o êxtase nos rostos da plateia, as lágrimas, o riso, os aplausos.

Aquilo, sim, era alimento para uma barriga faminta, pensou, uma manta para o frio, uma luz para a alma sofreda.

Menos de um ano depois de ter visto Nova Iorque do convés de um navio, Liam deixou a cidade rumo a oeste.

Trabalhou para conseguir atravessar o país, assombrado com o seu

tamanho, com as diferentes paisagens e estações. Dormiu em campos, em celeiros, nas traseiras de bares onde trocava a voz por uma cama.

Passou uma noite na cadeia depois de uma pequena desavença num lugar chamado Wichita.

Aprendeu a viajar clandestinamente de comboio e a fugir à polícia — e, como diria em inúmeras entrevistas ao longo da sua carreira, aquela foi a aventura da sua vida.

Quando, ao cabo de quase dois anos de viagem, viu o grande letreiro branco que dizia HOLLYWOODLAND, jurou que ali encontraria a sua fama e fortuna.

Liam ganhava a vida graças à sua inteligência e engenho, à voz e à força física. Com a sua lábia arranhou trabalho a construir cenários de exterior e cantava enquanto trabalhava. Repetia as cenas a que assistia e treinava os vários sotaques que ouvira durante a sua viagem de leste a oeste.

O cinema sonoro veio mudar tudo e conduziu à necessidade de construir estúdios. Atores que ele havia admirado no seu silêncio no ecrã mostravam agora vozes esganiçadas ou apagadas, e o seu brilhantismo extinguiu-se.

A grande oportunidade de Liam surgiu quando um realizador o ouviu cantar enquanto trabalhava — a mesma canção com que uma estrela do cinema mudo deveria seduzir a sua dama numa cena musical.

Liam sabia que o homem não cantava nada de jeito e estava suficientemente atento para saber que se falava em usar outra voz. A seu ver, para ser essa voz, só tinha de estar no lugar certo, à hora certa.

O seu rosto podia não ter aparecido no ecrã, mas a voz conquistava o público e abriu-lhe a porta.

Fez papel de figurante, teve um pequeno papel em que disse a sua primeira fala.

Gradualmente, pouco a pouco, construiu uma base alicerçada em trabalho, talento e a inesgotável energia dos Sullivans.

Ele, o campónio de Clare, tinha agora um agente e um contrato e, naquela época dourada de Hollywood, deu início a uma carreira que abarcaria décadas e gerações.

Liam conheceu a sua Rosemary quando protagonizou um musical com a popular e pispineta Rosemary Ryan — o primeiro de cinco filmes que fariam juntos ao longo da vida. O estúdio alimentava as colunas de mexericos com o seu romance, mas essa propaganda não era necessária.

Os dois casaram-se menos de um ano depois de se terem visto pela primeira vez. Passaram a lua de mel na Irlanda — visitaram a família dele, e também a dela em Mayo.

Construíram uma mansão glamorosa em Beverly Hills, tiveram um filho e depois uma filha.

Compraram o terreno em Big Sur porque, tal como acontecera com o seu romance, foi amor à primeira vista. Chamaram Sullivan's Rest à casa que construíram de frente para o mar. Essa casa tornou-se o seu retiro e, com o passar dos anos, o seu lar.

O filho, Hugh, provou que o talento dos Sullivan-Ryans atravessava gerações, pois o seu revelou-se ainda em menino e conduziu-o a ator principal. A filha, Maureen, escolheu Nova Iorque e a Broadway.

Hugh deu-lhes o primeiro neto antes de a sua esposa, o amor da sua vida, morrer num acidente de avião quando regressava de umas gravações em Montana. Com o tempo, esse filho viria a converter-se noutra estrela Sullivan do cinema.

Acreditando, como era tradição dos Sullivans, que encontrara o amor da sua vida na beldade de cabelos louros chamada Charlotte Dupont, Aidan, o neto de Liam e Rosemary, casou-se com grande pompa e luxo (fotos exclusivas na revista *People*), comprou uma mansão em Holmby Hills para a noiva e deu uma bisneta a Liam.

Chamaram Caitlyn à primeira representante da quarta geração Sullivan. Caitlyn Ryan Sullivan tornou-se instantaneamente uma queridinha de Hollywood quando se estreou aos vinte e um meses no papel da criança travessa e casamenteira no filme *O Papá Vai Casar?*

O facto de a maioria das críticas considerar que a pequena Cate havia empurrado para segundo plano os dois protagonistas adultos (um dos quais era a sua mãe, no papel de possível namorada) provocou alguma consternação em certos quadrantes.

Poderia ter sido a sua última experiência no estrelato pré-adolescente, mas o bisavô escolheu-a, com seis anos, para o papel da rebelde Mary Kate em *Donovan's Dream*. Caitlyn passou seis semanas a gravar na Irlanda e partilhou o ecrã com o pai, o avô, o bisavô e a bisavó.

Desempenhou o seu papel com o sotaque de um condado do Oeste como se tivesse nascido lá.

O filme, um êxito entre os críticos e o público, seria o último de Liam Sullivan. Numa das raras entrevistas que deu no final da sua vida, sentado debaixo de uma ameixoeira em flor com o Pacífico estendendo-se ao fundo, disse que, tal como Donovan, vira o seu sonho realizar-se. Fizera um ótimo filme com a mulher que amava há seis décadas, com o filho Hugh, o neto Aidan e a luz radiosa que era a sua bisneta Cate.

Disse que os filmes lhe haviam proporcionado as maiores aventuras e

que, por isso, sentia que aquele era a tampa perfeita para a lâmpada mágica que fora a sua vida.

Numa fresca e revigorante tarde de fevereiro, três semanas após a sua morte, a sua viúva, a família e muitos dos amigos que Liam havia feito ao longo dos anos reuniram-se na propriedade de Big Sur para — por insistência de Rosemary — celebrarem uma vida plena e bem vivida.

Haviam celebrado um funeral formal em Los Angeles, com celebridades e elogios, mas aquela reunião seria para recordar a alegria que ele havia dado.

Houve discursos, anedotas e lágrimas. Mas também houve música, riso e crianças a brincarem dentro e fora de casa. Houve comida, uísque e vinho.

Nessa altura, com os cabelos brancos como a neve que cobria os cumes das montanhas de Santa Lucia, Rosemary desfrutou do dia e acomodou-se — um tanto cansada, verdade seja dita — diante do lume vivo da lareira de pedra do salão, como lhe chamavam. Ali poderia observar as crianças, cujos ossos eram indiferentes ao frio do inverno, e o mar além.

Agarrou na mão do filho quando Hugh se sentou ao seu lado.

— Pensarás que sou uma velha louca se eu te disser que ainda consigo sentir a presença dele, como se estivesse aqui ao meu lado?

Como acontecera com o marido, a sua voz conservava o sotaque melodioso da sua terra natal.

— Como posso pensar tal coisa quando sinto o mesmo?

Ela virou-se para o filho, com os seus cabelos brancos de corte moderno e prático, os olhos verdes vívidos e repletos de humor.

— A tua irmã diria que somos ambos loucos. Como é possível eu ter gerado uma filha tão pragmática como a Maureen? — Aceitou o chá que ele lhe estendeu e levantou uma sobrancelha. — Tem uísque?

— Eu conheço a minha mamã.

— É verdade, meu menino, mas não sabes tudo.

Rosemary bebericou o chá e suspirou. Depois, estudou o rosto do filho. Tão parecido com o do pai, pensou. Aquela maldita beleza irlandesa. O filho, o seu bebé, tinha os cabelos repletos de madeixas grisalhas e os olhos continuavam a brilhar com um azul intenso.

— Sei o quanto sofreste quando perdeste a tua Livvy. Tão subitamente, de modo tão cruel. Vejo-a na nossa Caitlyn, e não só na aparência. Vejo nela a sua luz, a sua alegria e determinação. Pareço outra vez uma louca.

— Não. Eu vejo o mesmo. Quando a ouço rir, ouço o riso da Livvy. É um tesouro para mim.

— Eu sei, e também o é para mim, como era para o teu pai. Ainda bem que conheceste a Lily e que, depois de tantos anos de solidão, encontrei a

felicidade, Hugh. Tem sido uma boa mãe para os seus filhos e uma avó carinhosa para a nossa Cate nos últimos quatro anos.

— É verdade.

— Sabendo isso, e sabendo que a nossa Maureen está feliz, bem como os seus filhos e netos, tomei uma decisão.

— Acerca do quê?

— Do tempo que me resta. Adoro esta casa — murmurou ela. — Esta propriedade. Conheço-a sob todas as luzes, todas as estações, todos os ambientes. Sabes que não vendemos a casa de Los Angeles, sobretudo por sentimentalismo e pela conveniência de a ter quando algum de nós dois ia trabalhar lá.

— Queres vendê-la agora?

— Creio que não. As lembranças que tenho de lá também me são queridas. Sabes que vou dar a casa de Nova Iorque à Maureen. O que quero saber é se queres a casa de Los Angeles ou esta. Quero saber isto porque vou para a Irlanda.

— Vais de visita?

— Vou viver para lá. Espera — disse ela antes que ele pudesse falar. — Eu posso ter sido criada em Boston desde os dez anos, mas tenho lá a minha família e as minhas raízes. E a família que o teu pai me trouxe também está lá.

Ele pousou uma mão sobre a da mãe e levantou a cabeça para ver as crianças e a família através da grande janela.

— Tens família aqui.

— Pois tenho. Aqui, em Nova Iorque, em Boston, em Clare, em Mayo e, agora, em Londres também. Deus, estamos dispersos por locais tão distantes, não é, meu querido?

— Parece que sim.

— Espero que venham todos visitar-me. Mas é na Irlanda que quero estar agora. No sossego do campo. — Dirigi-lhe um sorriso com um brilho nos olhos. — Uma velha viúva, a fazer pão integral e a tricotar xailes.

— Não sabes fazer pão, nem tricotar nada.

— Ora. — Deu uma palmadinha na mão do filho. — Posso aprender, não posso? Mesmo na minha idade avançada. Sei que tens o teu lar com a Lily, mas chegou o momento de eu retribuir, por assim dizer. Deus sabe que eu e o Liam ganhámos muito dinheiro a fazer o que fazíamos porque amávamos o que fazíamos.

— Talento. — Hugh deu umas pancadinhas com um dedo na cabeça da mãe. — Inteligência.

— Bem, tínhamos ambas as coisas. E agora quero distribuir parte do que colhemos. Quero ficar com aquela casinha de campo encantadora que

comprámos em Mayo. E qual queres, Hugh? A casa de Beverly Hills ou a de Big Sur?

— A daqui. Esta. — Quando ela sorriu, ele abanou a cabeça. — Já sabias a resposta.

— Conheço o meu menino ainda melhor do que ele conhece a sua mãe. Então, está decidido. É tua. E confio que cuidarás dela.

— Sabes que sim, mas...

— Nada disso. A minha decisão está tomada. E espero bem ter um lugar para dormir quando vier visitar-vos. Porque virei. Passámos bons anos aqui, eu e o teu pai. Quero que a nossa descendência também os passe. — Deu-lhe umas palmadinhas na mão. — Olha ali fora, Hugh. — Rosemary riu-se ao ver Cate executar um salto mortal. — Ali está o futuro, e eu fico muito feliz por ter contribuído para ele.

Enquanto Cate dava saltos mortais para entreter dois dos primos mais novos, os seus pais discutiam na *suite* de hóspedes.

De cabelo apanhado num puxo para a ocasião, Charlotte andava de um lado para o outro no soalho de madeira, produzindo com os seus *Louboutin* um som semelhante a um impaciente estalar de dedos.

A forte energia que emanava dela havia outrora encantado Aidan. Agora, só o cansava.

— Quero sair daqui, Aidan. Por amor de Deus.

— E sairemos amanhã à tarde, como planeado.

Ela virou-se subitamente para ele, de lábios contraídos e olhos brilhantes com lágrimas de fúria. A suave luz de inverno derramava-se através das amplas portas de vidro atrás dela e formava um halo ao seu redor.

— Estou farta, não consegues entender? Não percebes que estou com os nervos em franja? Por que diabo temos de tomar um estúpido *brunch* em família amanhã? Já tivemos o maldito jantar na noite passada, tivemos hoje esta coisa interminável... para não falar no funeral. O interminável funeral. Quantas mais histórias teremos de ouvir sobre o grande Liam Sullivan?

Em tempos, Aidan julgara que Charlotte percebia os seus fortes e entrançados laços familiares, depois tivera esperança de que viesse a compreendê-los. Agora, ambos sabiam que ela se limitara a tolerá-los.

Até àquele momento.

Completamente exausto, Aidan sentou-se e estendeu por um momento as suas longas pernas. Havia começado a deixar crescer a barba para um próximo papel. A barba provocava-lhe irritação e incomodava-o.

Naquele momento, odiava sentir exatamente o mesmo relativamente à sua mulher.

As dificuldades no casamento haviam abrandado recentemente. Agora, parecia que se tinham deparado com outro obstáculo.

— É importante para a minha avó, para o meu pai, para mim, para a família, Charlotte.

— A tua família está a consumir-me, Aidan.

Charlotte virou-se de repente, agitando as mãos.

Tanto drama por causa de mais umas horas, pensou ele.

— É só mais uma noite e seremos poucos ao jantar. Amanhã por esta hora, estaremos em casa. Ainda temos convidados, Charlotte. Neste momento, devíamos estar lá em baixo.

— Então, a tua avó que trate deles. Ou o teu pai. Ou tu. Porque não posso apanhar o avião e voltar para casa?

— Porque o avião é do meu pai, e eu, tu e a Caitlyn voltaremos com ele e a Lily amanhã. Por agora, somos uma frente unida.

— Se tivéssemos o nosso próprio avião, eu não teria de esperar.

Aidan começou a sentir uma dor de cabeça surgir atrás dos olhos.

— Temos mesmo de voltar a esse assunto? Agora?

Ela encolheu os ombros.

— Ninguém sentiria a minha falta.

Ele tentou outra estratégia e sorriu. Aidan sabia, por experiência, que a sua mulher reagia melhor à meiguice do que à severidade.

— Eu sentiria.

Charlotte suspirou e sorriu-lhe de volta.

Para Aidan, ela tinha um sorriso capaz de parar o coração de um homem.

— Estou a ser uma chata.

— Sim, mas és a minha chata.

Ela soltou uma breve gargalhada, aproximou-se e aninhou-se no colo dele.

— Lamento, querido. Bem, quase lamento. Mais ou menos. Sabes que nunca gostei disto aqui. É muito isolado e faz-me sentir claustrofóbica. E eu sei que isto não faz sentido.

Ele sabia que não devia acariciar-lhe os brilhantes cabelos louros depois de ela os ter arranjado, portanto, em vez disso, beijou-a suavemente na têmpora.

— Eu entendo, mas amanhã estaremos em casa. Só preciso que fiques mais uma noite, pela minha avó e pelo meu pai. Por mim.

Ela bufou, espetou-lhe um dedo no ombro e fez o seu beicinho de marca. Lábios carnudos cor de coral e expressão de amuo nuns olhos azuis cristalinos dramaticamente pestanudos.

— É melhor que faças por ganhar pontos. Muitos pontos.

— Que tal um fim de semana prolongado no Cabo?

Ela ficou estupefacta e segurou-lhe o rosto entre as mãos.

— Estás a falar a sério?

— Tenho um par de semanas livres antes do início das filmagens — disse ele, massajando a nuca. — Podíamos passar uns dias na praia. A Cate vai adorar.

— Ela tem aulas, Aidan.

— Levamos o professor particular dela.

— E se fizessemos de outra maneira? — Rodeou-o com os braços e pressionou o corpo, ainda vestido de preto, contra o dele. — A Cate podia passar um fim de semana prolongado com o Hugh e a Lily; ela adoraria. E tu e eu passávamos uns dias no Cabo. — Beijou-o. — Só nós os dois. Gostava muito que tivéssemos uns dias só para nós, querido. Não achas que precisamos de estar sozinhos?

Provavelmente, ela tinha razão; havia que cuidar da relação tanto nos bons como nos maus momentos. Apesar de não lhe agradar a ideia de deixar Cate, provavelmente ela tinha razão.

— Posso tratar disso.

— Sim! Vou mandar uma mensagem ao Grant, para ver se ele pode dar-me umas sessões extra esta semana. Quero ter um corpo perfeito para biquíni.

— Já tens um.

— Isso é o meu marido querido a falar. Veremos o que diz o meu implacável treinador pessoal. Oh! — Charlotte levantou-se de um salto. — Preciso de ir às compras.

— Neste momento, temos de voltar lá para baixo.

Uma fugaz chispa de irritação aflorou no rosto dela.

— Está bem. Tens razão, mas dá-me uns minutos para retocar a maquilhagem.

— O teu rosto está lindo, como sempre.

— Marido querido. — Apontou para ele enquanto se dirigia para o balcão da maquilhagem. Subitamente, parou. — Obrigada, Aidan. As últimas semanas, com todos os tributos e homenagens, têm sido difíceis para todos nós. Uns dias fora far-nos-ão bem. Desço já.

Enquanto os pais faziam as pazes, Cate organizava um jogo das escondidas para concluir os jogos de exterior daquele dia. Sempre um favorito quando a família se reunia, o jogo tinha as suas regras, restrições e pontos extra.

Naquele caso, as regras limitavam o jogo ao exterior — visto que vários

adultos haviam decretado a proibição de correr dentro de casa. Quem procurava ganhava um ponto por cada jogador encontrado, e o primeiro a ser encontrado ficava encarregado de procurar na ronda seguinte. Se esse jogador tivesse cinco anos ou menos, podia escolher um parceiro de busca.

Se um jogador escondido estivesse três rondas sem ser encontrado, recebia dez pontos extra.

E como Cate tinha estado a planear aquele jogo o dia todo, sabia como vencer.

Desatou a correr quando Boyd, de onze anos, iniciou a contagem decrescente na primeira ronda. Como o menino vivia em Nova Iorque como a avó e só visitava Big Sur um par de vezes por ano, no máximo, não conhecia o terreno como ela.

Além disso, ela já tinha escolhido um novo esconderijo.

Cate revirou os olhos quando viu Ava, a sua prima de cinco anos, rastejar para debaixo da toalha branca de uma mesa de comida. Boyd encontraria Ava em menos de dois minutos.

Quase voltou atrás para mostrar um melhor esconderijo a Ava, mas era cada uma por si!

A maioria dos convidados já se tinha ido embora e outros saíam naquele momento. Mas ainda havia muitos dos adultos a movimentar-se pelos pátios e pelos bares de exterior, ou sentados em torno de uma das fogueiras. Ao recordar o motivo, Cate sentiu um aperto no peito.

Havia amado o seu bisavô. Ele tinha sempre uma história para lhe contar e rebuçados de limão no bolso. Chorara muito quando o pai lhe havia dito que o bisavô fora para o Céu. Também ele havia chorado, mesmo quando lhe dissera que o bisavô tivera uma vida longa e feliz, que havia sido muito importante para muita gente e que nunca seria esquecido.

Cate recordou a frase do filme que haviam feito juntos, que ele dissera sentado com ela num muro de pedra a contemplar as terras.

«Querida, uma vida fica marcada por aquilo que fazemos bem ou mal. Aqueles que deixamos para trás avaliam essas marcas e recordam.»

Recordou os rebuçados de limão e os abraços enquanto corria em direção à garagem e a contornava. Ainda conseguia ouvir as vozes que vinham dos pátios, dos terraços e do jardim murado. O seu objetivo? A árvore grande. Se trepasse para o terceiro ramo, podia esconder-se no tronco espesso, entre as folhas verdes que cheiravam tão bem, a três metros de altura.

Ninguém a encontraria!

Os seus cabelos — de um negro celta — esvoaçavam atrás dela enquanto corria. A sua ama, Nina, havia-os prendido dos lados com ganchos de

borboletas para os manter afastados do rosto. Os olhos, azuis e expressivos, dançavam enquanto ela se afastava rapidamente da grande casa, para bem longe da casa de hóspedes com os seus degraus de acesso à pequena praia e da piscina com vista para o mar.

Tivera de usar um vestido durante a primeira parte do dia, para mostrar respeito, mas Nina havia-lhe preparado a roupa de brincar para depois. Ainda tinha de ter cuidado com a camisola de lã, mas sabia que não fazia mal sujar as calças de ganga.

— Vou ganhar — sussurrou ela enquanto se esticava para alcançar o primeiro ramo do loureiro-da-califórnia e enfiava a sapatilha roxa (a sua cor preferida do momento) num pequeno orifício do tronco, usando-o como ponto de apoio.

Ouviu um ruído atrás de si e, embora soubesse que não podia ser Boyd, ainda não, o seu coração deu um salto.

Viu de relance um homem com uniforme de criado de mesa, com barba loura e cabelo preso num rabo de cavalo. Usava uns óculos de sol que refletiam a luz na sua direção.

Ela sorriu e levou um dedo aos lábios.

— Estou a jogar às escondidas — disse-lhe ela.

Ele sorriu-lhe de volta.

— Queres que te ajude a subir? — Anuiu com a cabeça e aproximou-se como se fosse fazê-lo.

Cate sentiu a agulha afiada espetar-se-lhe no pescoço e deu uma palmada no local como se quisesse esmagar um inseto.

Depois, revirou os olhos e perdeu os sentidos.

Ele colocou-lhe uma mordação e abraçadeiras de plástico nos pulsos e tornozelos em poucos segundos. Somente por precaução, pois a dose que lhe havia administrado deveria mantê-la inconsciente durante umas horas.

Ela não pesava muito e, como ele era um homem em excelente forma, teria conseguido carregá-la os poucos metros até ao carrinho que tinha à espera mesmo que ela fosse uma mulher adulta.

Depois de a enfiar dentro do armário do carrinho de serviço, empurrou-o em direção à carrinha do *catering* — apetrechada especificamente para aquele propósito. Empurrou o carrinho rampa acima e fechou as portas traseiras.

Em menos de dois minutos, conduziu a carrinha ao longo da entrada e do caminho sinuoso até à orla da península privada. Quando chegou ao portão de segurança, introduziu o código com um dedo enluvado. Quando o portão se abriu, atravessou-o e virou em direção à autoestrada.

Resistiu à tentação de arrancar a peruca e a barba falsas.

Ainda não era o momento e podia suportar o incómodo que lhe provocavam. Não ia para longe e esperava ter a fedelha de dez milhões de dólares trancada na luxuosa casa de campo (cujos proprietários estavam naquele momento em Maui) antes de alguém se lembrar sequer de ir à procura dela.

Quando voltou a sair da autoestrada e começou a subir o íngreme caminho de acesso ao local onde um rico cretino qualquer havia decidido construir um paraíso de férias com um punhado de árvores, pedras e chaparral, ia a assobiar uma música.

Tinha corrido tudo lindamente.

Viu o parceiro a andar de um lado para o outro no *deck* do primeiro andar da casa e revirou os olhos. Aquele, sim, era um cretino.

Tinham aquilo no papo, por amor de Deus. Manteriam a miúda sedada, mas, por via das dúvidas, usariam máscaras. Dentro de alguns dias — talvez menos — seriam ricos, a miúda voltaria para a porra dos Sullivans e ele, com um novo nome e um novo passaporte, estaria a caminho de Moçambique para tomar banhos de sol em grande estilo.

Estacionou a carrinha ao lado da casa. Da estrada não era possível ver-se a casa, por isso sabia que ninguém veria a carrinha tapada pelas árvores em torno da lateral.

Quando desceu do veículo, o parceiro já tinha vindo a correr ao seu encontro.

— Tens aí a miúda?

— Podes crer. Foi fácil.

— Tens a certeza de que ninguém te viu? Tens a certeza...

— Credo, Denby, relaxa.

— Nada de nomes — sibilou Denby, empurrando os óculos para cima enquanto olhava em redor como se estivesse alguém na mata, à espera para atacar. — Não podemos correr o risco de ela ouvir os nossos nomes.

— Ela está inconsciente. Vamos levá-la para cima e trancá-la para eu poder tirar esta porcaria da cara. Quero uma cerveja.

— Primeiro, as máscaras. Olha, tu não és nenhum médico. Não podemos estar cem por cento seguros de que ela continua inconsciente.

— Está bem, está bem, vai buscar a tua. Eu fico com isto. — Afagou a barba.

Quando Denby entrou na casa, ele abriu as portas de trás da carrinha e saltou para o interior para abrir o armário. *Completamente apagada*, pensou. Fê-la rolar para o chão, arrastou-a até às portas — nem um pio da parte dela — e voltou a saltar para fora.

Olhou para trás quando Denby apareceu com a sua máscara e peruca de Pennywise, o palhaço dançarino, e riu-se como um louco.

— Se ela acordar antes de a levarmos para dentro, provavelmente desmaiará com o susto.

— Queremo-la assustada para que colabore, não é? A fedelha rica e mimada.

— Isso serve. Não és nenhum Tim Curry, mas serve. — Colocou Cate ao ombro. — Está tudo pronto lá em cima?

— Sim. As janelas estão trancadas. Mas continua a ter uma vista espetacular das montanhas — acrescentou Denby enquanto seguia o parceiro pela luxuosa entrada rústica e ampla zona de estar. — Não que ela vá desfrutar disso, pois vamos mantê-la inconsciente ou perto disso.

Denby deu um pulo quando o telemóvel preso no cinto do seu parceiro começou a tocar *The Mexican Hat Dance*.

— Raios, Grant!

Grant Sparks riu-se simplesmente.

— Usaste o meu nome, idiota. — Carregou Cate pelas escadas até ao primeiro piso, aberto ao piso térreo com o seu teto de catedral. — É uma mensagem do meu amorzinho. Tens de ter mais calma, meu.

Levou Cate para dentro do quarto que haviam escolhido por dar para as traseiras e ter casa de banho. Largou-a em cima da cama com dossel que Denby havia deixado apenas com uns lençóis baratos que tinham comprado e que levariam com eles depois.

A casa de banho privativa era para evitar arrastá-la para fora do quarto, para evitar um potencial acidente que nenhum deles queria limpar. Se ela fizesse algum, lavariam os lençóis. Assim que terminassem, voltariam a fazer cuidadosamente a cama com a roupa original e removeriam os pregos martelados nos fechos das janelas.

Olhou em volta, satisfeito por Denby ter retirado tudo o que a miúda pudesse usar como arma — pelo sim, pelo não — ou para partir uma janela. Estaria demasiado drogada para isso, mas para quê correr riscos?

Quando se fossem embora, a casa ficaria exatamente como a tinham encontrado. Ninguém saberia que lá tinham estado.

— Tiraste as lâmpadas todas?

— Todas.

— Bom trabalho. Mantém-na no escuro. Vai cortar as abraçadeiras e tira-lhe a mordação. Se ela acordar e tiver de mijar, não quero que o faça na cama. Ela pode bater na porta e gritar como uma desalmada. Não lhe servirá de nada.

— Quanto tempo achas que ficará apagada?

— Um par de horas. Quando acordar, damos-lhe sopa com outra dose e dormirá toda a noite.

— Quando é que vais sair para telefonar?

— Depois de anoitecer. Que diabo, ainda nem sequer andam à procura dela. Ela estava a brincar à porra das escondidas, como anunciado, e foi direita ao sítio onde eu estava à espera. — Deu uma palmada nas costas de Denby.

— Foi canja. Termina aqui e certifica-te de que trancas a porta. Vou tirar esta merda da cara. — Tirou a peruca e a rede que estava por baixo, revelando cabelos castanhos curtos, com estilo e clareados pelo sol. — Vou beber uma cerveja.

CAPÍTULO DOIS



Quando os convidados ficaram cingidos à família, Charlotte cumpriu com o seu dever: sentou-se com Rosemary, fez conversa com Lily e Hugh. Tinha sempre presente na cabeça que a recompensa fazia valer a pena e o esforço.

E que esforço. Lily podia ver-se como uma grande atriz, porque havia recebido um par de nomeações ao Óscar (mas não havia ganhado, pois não?), mas por muito boa que fosse a sua interpretação, Charlotte conseguia sentir o seu desagrado.

Que diabo, conseguia senti-lo sempre que chegava a menos de metro e meio da bruxa velha com o seu estúpido sotaque de beldade sulista.

Mas ela também podia fingir simpatia, e fazia-o, forçando um sorriso quando Lily deixava escapar aquela sua gargalhada ruidosa. Uma gargalhada que, para Charlotte, era tão falsa como os cabelos ruivos de Lily Morrow.

Bebericou um *Cosmopolitan* que Hugh lhe havia preparado no bar do outro lado do salão. Pelo menos, os Sullivans sabiam preparar bebidas decentes.

Assim, beberia, sorriria e agiria como se estivesse interessada quando alguém contasse outra história do santo Liam.

E esperaria que aquilo acabasse.

Quando o Sol começou a descer sobre o oceano, uma bola de fogo afundando-se no azul, as crianças entraram em casa. Sujos, barulhentos e, claro está, esfomeados.

Havia mãos e caras para lavar e, nalguns casos, roupas para trocar antes do jantar e dos banhos das crianças. As mais velhas podiam votar para

escolher o filme que veriam na sala de cinema quando os adultos jantassem e os mais pequeninos fossem para a cama.

Na cozinha, as amas preparavam refeições aprovadas — tendo em conta a alergia a amendoins de um, a intolerância à lactose de outro e a alimentação vegana de outro.

Ocupada a preparar fruta fresca, Nina olhou em volta para contar cabeças. Sorriu para Boyd quando o menino tirou umas batatas assadas.

— A Caitlyn não tem fome?

— Não sei. — O menino encolheu os ombros e provou um pouco de molho. — Ela não ganhou. Ela pode dizer que ganhou, mas não ganhou. — Porque a sua ama (como se ele precisasse de uma!) estava ocupada com a sua irmã mais nova, Boyd surripou uma bolacha, muito embora estivessem proibidas antes do jantar. — Ela não veio quando acabámos o jogo, por isso não conta.

— Ela não entrou convosco?

Como era um menino inteligente, Boyd comeu rapidamente a bolacha, na eventualidade de a sua própria ama olhar na sua direção.

— Ninguém a encontrou, por isso ela vai dizer que ganhou, mas não conta. Se calhar, entrou em casa antes de o jogo acabar e isso é batota. De qualquer maneira, não ganhou.

— A Caitlyn não faz batota. — Nina limpou as mãos e foi à procura da sua menina.

Procurou-a no quarto, no caso de a menina ter entrado para trocar de roupa ou usar a casa de banho. Deu uma olhada pelo primeiro piso, mas muitas das portas estavam fechadas, por isso, saiu para o amplo terraço saliente.

Chamou por ela, mais impaciente do que preocupada, percorreu a ponte vedada que conduzia ao lado da casa com a piscina e voltou para trás antes de descer os degraus.

Cate adorava o jardim murado, portanto, procurou-a lá, atravessando o pequeno pomar mais além, chamando-a sem parar.

O Sol estava cada vez mais baixo; as sombras alongavam-se. O ar começava a arrefecer. E o coração dela começou a acelerar.

Nina Torez era uma menina da cidade, nascida e criada em Los Angeles, e tinha em relação ao campo o que considerava ser uma desconfiança saudável. Começou a imaginar cobras venenosas, pumas, coiotes e até ursos enquanto os seus gritos por Cate se tornavam desesperados.

Tolice, disse para si mesma, era tudo tolice. Catey estava bem, tinha apenas... adormecido algures na grande casa. Ou...

Dirigiu-se apressadamente para a casa de hóspedes e entrou de rompante

a chamar pela menina. O lado da pequena casa de campo que dava para o mar era uma parede totalmente de vidro. Fitando o mar, pensou em todas as formas que havia de uma menina ser engolida por ele.

E pensando no amor de Cate pela pequena praia, saiu a correr, desceu os degraus e chamou sem parar enquanto os leões-marinhos reclinados nas rochas a observavam com olhos entediados.

Voltou a subir a correr para procurar na casa da piscina e no barracão do jardim. Entrou na casa a toda a velocidade para revistar o piso inferior: a sala de cinema, a sala familiar, o espaço de ensaios e, inclusive, as zonas de arrumação.

Voltou a sair e correu para o outro lado para ver na garagem.

— Caitlyn Ryan Sullivan! Aparece imediatamente! Estás a assustar-me.

E encontrou o travessão em forma de borboleta, que havia enfiado nos lindos cabelos longos de Cate naquela manhã, junto à velha árvore.

Não significava nada, pensou enquanto o apanhava do chão. A menina tinha andado a dar saltos mortais com as mãos, a correr de um lado para o outro, a fazer piruetas e a dançar. O travessão caíra simplesmente.

Nina repetiu isso para si mesma várias vezes enquanto corria de volta à casa. As lágrimas turvavam-lhe os olhos quando abriu a enorme porta principal e quase esbarrou em Hugh.

— Nina, que raio se passa?

— Não consigo... não consigo... senhor Hugh, não consigo encontrar a Caitlyn. Não consigo encontrá-la em lado nenhum. Encontrei isto.

Estendeu o travessão e desatou a chorar.

— Calma, não te preocupes. Ela está simplesmente enfiada num sítio qualquer. Vamos encontrá-la.

— Ela estava a jogar às escondidas. — Os tremores começaram quando ele a conduziu à sala de estar principal, onde a maior parte da família se tinha reunido. — Eu... eu entrei em casa para ajudar a Maria com a pequena Círci e o bebé. Ela estava a brincar com as outras crianças, e eu entrei.

Sentada com um segundo *Cosmopolitan*, Charlotte levantou os olhos quando Hugh entrou com Nina.

— Por amor de Deus, Nina, o que se passa?

— Procurei por toda a parte. Não consigo encontrá-la. Não consigo encontrar a Catey.

— Provavelmente, está lá em cima no quarto.

— Não, minha senhora, não está. Procurei por toda a parte. Chamei-a sem parar. Ela é uma menina bem-comportada, nunca se esconderia se me ouvisse a chamá-la, se percebesse a minha preocupação.

Aidan levantou-se.

— Quando é que a viste pela última vez?

— As crianças foram todas brincar às escondidas. Há uma hora... agora mais. Ela estava com as outras crianças e eu subi para ajudar com os bebés e os mais pequenitos. Senhor Aidan... — Estendeu o travessão. — Só encontrei isto, junto à árvore grande perto da garagem. Estava no cabelo dela. Coloquei-o no cabelo dela esta manhã.

— Vamos encontrá-la. Charlotte, vê outra vez lá em cima. Nos dois pisos.

— Eu ajudo. — Lily levantou-se, bem como a sua filha.

— Vamos começar por ver neste piso. — A irmã de Hugh deu umas palmadinhas no ombro de Charlotte. — Tenho a certeza de que ela está bem.

— Era teu dever tomar conta dela! — disse Charlotte, levantando-se abruptamente.

— Dona Charlotte...

— Charlotte. — Aidan agarrou o braço da esposa. — A Nina não tinha motivo nenhum para estar sempre de olho na Cate enquanto ela brincava com os outros miúdos.

— Então, onde é que ela está? — perguntou Charlotte, e saiu a correr e a chamar pela filha.

— Nina, vem sentar-te ao pé de mim. — Rosemary estendeu uma mão. — Os homens vão procurar lá fora, em todos os recantos. Os restantes procurarão em toda a casa. — Rosemary forçou um sorriso tranquilizador que não se refletiu nos seus olhos. — E quando a encontrarmos, vou ter uma boa conversa com ela.

Procuraram durante mais de uma hora, cobrindo cada milímetro da enorme casa, dos seus anexos e do terreno. Lily reuniu as crianças e perguntou quando haviam visto Cate pela última vez. A resposta foi que havia sido durante o jogo que a própria Cate havia instigado.

Com os seus cabelos ruivos desordenados pela busca, Lily agarrou na mão de Hugh.

— Acho que temos de chamar a polícia.

— A polícia! — guinchou Charlotte. — A minha menina! Aconteceu alguma coisa à minha menina. Ela está despedida! Aquela mulher inútil está despedida. Aidan, meu Deus, Aidan.

Quando ela quase desfaleceu de encontro a ele, o telefone tocou.

Hugh respirou fundo, aproximou-se e atendeu o telefone.

— Residência Sullivan.

— Se querem voltar a ver a miúda, aceito dez milhões, em notas não sequenciais e não marcadas. Paguem e ela será devolvida ilesa. Se contactarem

a polícia, ela morre. Se contactarem o FBI, ela morre. Se contactarem alguém, ela morre. Mantenham esta linha livre. Voltarei a ligar com mais instruções.

— Espere. Deixe-me...

Mas a ligação foi interrompida.

Hugh baixou o telefone e olhou com pavor para o filho.

— Alguém tem a Cate.

— Oh, graças a Deus! Onde está ela? — perguntou Charlotte. — Aidan, temos de ir buscá-la imediatamente.

— Não é isso que o pai está a dizer. — O coração caiu-lhe aos pés enquanto apertava Charlotte contra si. — Pois não, pai?

— Eles querem dez milhões.

— Do que é que estás a falar? — Charlotte tentou libertar-se dos braços de Aidan. — Dez milhões para... Tu... ela... a minha menina foi raptada?

— Temos de chamar a polícia — disse Lily outra vez.

— Pois temos, mas tenho de vos dizer... Ele disse que, se o fizéssemos, lhe fazia mal.

— Fazia-lhe mal? Ela é só uma menina. É a minha menina. — A chorar, Charlotte encostou o rosto ao ombro de Aidan. — Oh, Deus, Deus, como é que isto pôde acontecer? Nina! Provavelmente aquela cabra está envolvida nisto. Apeetece-me matá-la. — Afastou Aidan com um empurrão e virou-se contra Lily. — Ninguém vai chamar a polícia. Não deixarei que façam mal à minha menina. A *minha* filha! Nós conseguimos arranjar o dinheiro. — Agarrou a camisa de Aidan. — O dinheiro não é nada. Aidan, a nossa menina. Diz-lhes que pagaremos, que pagaremos qualquer coisa. Só quero que nos devolvam a nossa menina.

— Não te preocupes, não te preocupes. Vamos recuperá-la, sã e salva.

— Não é pelo dinheiro, Charlotte. — Apavorado, Hugh esfregou o rosto com as mãos. — E se nós pagarmos e eles... ainda assim lhe fizerem mal? Precisamos de ajuda.

— E se? E se? — Quando Charlotte se virou para o encarar, o seu puxo cuidadosamente penteado desfez-se e os cabelos caíram-lhe sobre os ombros. — Não acabaste de dizer que, se não pagássemos, eles iam fazer-lhe mal? Que, se chamássemos a polícia, iam fazer-lhe mal? Não arriscarei a vida da minha filha. Não o farei.

— Talvez consigam localizar a chamada — começou Aidan. — Talvez consigam descobrir como é que alguém a levou.

— Talvez? Talvez? — perguntou ela numa voz esganiçada como unhas arranhando uma lousa. — É isso que ela significa para ti?

— Ela é tudo para mim. — Aidan teve de se sentar, pois as pernas tremiam-lhe. — Temos de pensar. Temos de fazer o que é melhor para a Catey.

— Pagamos o que ele quiser, fazemos o que ele quiser. Deus do Céu, Aidan, nós conseguimos arranjar o dinheiro. É a nossa bebé.

— Eu pago. — Hugh olhou para o rosto devastado de Charlotte e para a expressão apavorada do filho. — Ela foi levada de casa do meu pai, uma casa que a minha mãe me deu. Eu pago.

Com um novo soluço, Charlotte lançou-se nos braços do sogro.

— Eu nunca esquecerei... Ela vai ficar bem. Porque lhe faria ele mal, se lhe dermos o que quer? Quero a minha menina. Quero a minha menina.

Percebendo o sinal de Hugh quando Charlotte o abraçou, Lily aproximou-se.

— Pronto, pronto, vamos lá para cima. Miranda, — disse ela à filha mais nova, — podes ajudar a manter as crianças ocupadas, talvez a verem um filme na sala de cinema lá de baixo, e dizer para alguém levar um chá à Charlotte? Vai correr tudo bem — disse ela, tentando serenar Charlotte enquanto a levava.

— Quero a minha bebé.

— Claro que sim.

— Prepara café — disse Rosemary, que estava sentada, de rosto pálido e mãos entrelaçadas com força, mas de costas direitas. — Temos de nos manter despertos e alerta.

— Vou fazer uns telefonemas, para começar a tratar do dinheiro. Não — disse Hugh quando Aidan começou a sair da sala. — Por enquanto, deixa-a estar com a Lily. É melhor deixá-la com a Lily. Temos mais em que pensar, além de arranjar o dinheiro e de como diabo eles conseguiram levar a Cate nas nossas barbas. São amadores e isso deixa-me morto de medo.

— Porque dizes isso? — perguntou Aidan.

— Dez milhões, Aidan, em dinheiro vivo. Posso arranjar maneira de o conseguir, e fá-lo-ei, mas e a logística depois? Como é que esperam transportar uma quantia tão grande? Os aspetos práticos. Não é inteligente, filho, não é. Uma transferência bancária, ter uma conta, isso seria inteligente. Isto não é.

Como todos os presentes na sala começaram a falar ao mesmo tempo, com vozes erguidas em fúria e ansiedade, Rosemary levantou-se lentamente.

— Basta! — E, com o seu poder de matriarca, silenciou a sala. — Algum de vocês já viu dez milhões de dólares em notas? O Hugh tem razão. Tal como tem razão quando diz que devíamos chamar a polícia. Mas... — Levantou um dedo antes que recomeçasse a confusão. — São o Aidan e a Charlotte que têm a última palavra. Todos nós amamos a Caitlyn, mas é filha deles. Portanto, arranjaremos o dinheiro. Eu e o Hugh. Cabe-nos a nós — disse ela

a Hugh. — Continua a ser a minha casa, que em breve será tua. Por isso, iremos até ao escritório do teu pai para fazermos o que é preciso para o arranjar rapidamente.

» Levem um chá à Charlotte — continuou Rosemary. — E não tenho dúvidas de que alguém por aqui terá um ou dois comprimidos para dormir. Dada a personalidade dela e o seu estado de espírito, talvez por agora seja melhor convencê-la a tomar um comprimido e a dormir.

— Eu levo-lhe o chá — disse-lhe Aidan. — E a Charlotte tem comprimidos. Farei com que tome um. Antes disso, tentarei novamente convencê-la a chamar a polícia. Porque concordo contigo. Porém, se aconteceu alguma coisa...

— Um passo de cada vez. — Rosemary aproximou-se e agarrou nas mãos do neto. — Eu e o teu pai arranharemos o dinheiro. E todos faremos o que tu e a Charlotte decidirem.

— Avó. — Aidan levantou as mãos de Rosemary e encostou-as às faces. — És o meu mundo. E a Cate é o centro dele.

— Eu sei. Manter-te-ás forte por ela. Vamos lá arranjar o dinheiro que estes miseráveis querem, Hugh.

Cate acordou devagar. Como lhe doía a cabeça, fechou os olhos com força e encolheu-se como que para expulsar a dor. Doía-lhe a garganta e algo dava voltas dentro da sua barriga como se quisesse saltar para fora.

Não queria vomitar, não queria.

Queria Nina, ou o papá ou a mamã. Alguém que acabasse com aquele mal-estar.

Abriu os olhos para a escuridão. Passava-se algo de errado. Ela sentia-se muito mal, mas não se lembrava de ter adoecido.

A cama não lhe parecia bem; demasiado rija, com lençóis ásperos. Ela tinha muitas camas em muitos quartos. A sua cama em casa, outra em casa do avô e da avó Lil, em casa do bisavô e da bisavó, em...

Não, o bisavô tinha morrido, recordou. E tinham feito uma celebração por causa da sua vida. Ela brincara muito com as outras crianças. Apanhada, truques de magia, escondidas. E...

O homem... o homem no seu esconderijo. Teria ela caído?

Sentou-se subitamente na cama e sentiu o quarto a girar. Chamou por Nina. Estivesse onde estivesse, Nina estava sempre por perto. À medida que os olhos se adaptavam ao escuro e nada lhe parecia certo, saiu da cama. Sob a luz débil de algumas estrelas e de uma fina Lua, distinguiu uma porta e correu para lá.

A porta não abria, por isso, começou a dar-lhe pancadas, enquanto chorava e gritava por Nina.

— Nina! Não consigo sair. Sinto-me mal. Nina. Papá, por favor. Mamã, deixem-me sair, deixem-me sair.

Pensando que poderia ser-lhes útil mais tarde, os raptos gravaram os gritos suplicantes.

A porta abriu-se tão abruptamente que embateu com força em Cate e a deitou ao chão. A luz do outro lado da porta entrou no quarto e iluminou o rosto de um de um palhaço assustador com dentes afiados.

Quando ela gritou, ele riu-se.

— Ninguém consegue ouvir-te, idiota, por isso, cala-te ou arranco-te o braço e como-o.

— Calma, Pennywise.

Entrou um lobisomem. Carregava um tabuleiro e passou pela menina quando esta recuou apressadamente apoiada nos calcanhares e nos cotovelos. Pousou o tabuleiro na cama.

— Tens sopa e leite. Come e bebe, senão o meu amigo aqui segura-te enquanto eu te enfio tudo goela abaixo.

— Quero o meu papá!

— Oh... — O que se chamava Pennywise fez um riso maléfico. — Ela quer o papá. É uma pena, porque já cortei o teu papá em pedaços e dei-o de comer aos porcos.

— Para com isso — disse o lobisomem. — Vai ser assim, fedelha: tu comes o que te damos quando te damos. Usas aquela casa de banho. Não nos causas problemas, não fazes porcarias e daqui a uns dias estarás de novo com o teu papá. De contrário, vamos fazer-te mal, muito mal.

O medo e a fúria afloraram juntos.

— Não és um lobisomem de verdade porque isso é pintado. É uma máscara.

— Achas que és esperta?

— Sim!

— E isto? — Pennywise levou a mão atrás das costas e tirou uma arma do cós das calças. — Isto parece-te de verdade, fedelha? Queres experimentá-la?

O lobisomem rosnou para Pennywise.

— Agora tem tu calma. E tu, — rosnou também para Cate, — espertinha, come essa sopa toda. E o leite. Senão, quando voltarmos, vou começar por te partir os dedos. Faz o que te dizemos e voltarás a ser uma princesa daqui a uns dias.

Pennywise baixou-se, agarrou nos cabelos da menina com uma mão, puxou-lhe a cabeça para trás e encostou-lhe a arma ao pescoço.

— Deixa-a em paz, palhaço de merda. — O lobisomem agarrou-lhe no ombro, mas Pennywise sacudiu-o.

— Antes disso, ela precisa de uma lição. Queres descobrir o que acontece a fedelhas ricas refilelonas? Diz, «Não, senhor». Diz!

— Não, senhor.

— Come a porra do jantar.

Saiu de rompante enquanto ela se sentava no chão, a tremer e a soluçar.

— Come a sopa, por amor de Deus — murmurou o lobisomem. — E não faças barulho.

Saiu e trancou a porta.

Como o chão estava frio, ela gatinhou de volta para a cama. Não tinha cobertor e não conseguia parar de tremer. Talvez tivesse um pouco de fome, mas não queria a sopa.

Contudo, não queria que o homem com a máscara de palhaço lhe partisse os dedos nem a matasse. Só queria que Nina aparecesse e lhe cantasse, ou que o papá lhe contasse uma história, ou que a mamã lhe mostrasse as roupas bonitas que tinha comprado naquele dia.

Andavam à sua procura. Todos. E quando a encontrassem, meteriam os homens mascarados na prisão, para sempre.

Confortada por essa ideia, comeu um pouco de sopa. Não cheirava bem, e o bocadinho que engoliu sabia mal. Simplesmente mal.

Não conseguia comê-la. Porque é que queriam tanto que a comesse?

Franziu o sobrolho, voltou a cheirar a sopa e depois cheirou o copo de leite.

Talvez tivessem posto veneno. Estremeceu com a ideia, esfregou os braços para os aquecer e para se acalmar. Veneno não fazia sentido, mas a sopa não sabia bem. Ela havia visto montes de filmes. Às vezes, os vilões punham coisas na comida. Podia ter sido raptada, mas não era parva. Isso sabia. E eles não a tinham amarrado, apenas trancado.

Ia correr para a janela, mas depois pensou: *sem barulho, sem barulho*. Desceu lentamente da cama e foi, pé ante pé, até à janela. Conseguia ver árvores e escuridão, a sombra das montanhas. Nem casas, nem luzes.

Olhou de relance para trás e, com o coração a bater violentamente, tentou abrir a janela. Tentou destrancá-la, mas sentiu os pregos.

O pânico ameaçava aflorar, mas fechou os olhos e respirou fundo. A mãe gostava de fazer ioga e às vezes deixava-a fazer também. Respirar, respirar.

Eles achavam que ela era parva, que não passava de uma miúda tola, mas ela não era parva. Não ia comer a sopa nem beber o leite em que haviam deitado drogas. Provavelmente.

Em vez disso, agarrou na tigela e no copo e encaminhou-se cuidadosamente

para a casa de banho. Primeiro, despejou-os na sanita e, depois, fez chichi porque estava a precisar.

A seguir, despejou o autoclismo.

Quando voltassem, fingiria estar a dormir profundamente. Sabia fazê-lo. Era uma atriz, não era? E *não* era parva, por isso, escondeu a colher debaixo da almofada.

Não sabia que horas eram, nem quanto tempo havia dormido. Porque um deles havia-lhe espetado uma seringa. Mas ela esperaria, esperaria simplesmente, que aparecessem para levar o tabuleiro. E rezaria para que não dessem por falta da colher.

Cate tentou não chorar mais. Era difícil, mas precisava de pensar no que tinha de fazer. Ninguém era capaz de pensar convenientemente quando estava a chorar, portanto, não choraria.

Demoraram uma eternidade, tanto tempo que ela quase adormeceu realmente. Então, ouviu o ruído das trancas e a porta a abrir-se.

Respira lenta e calmamente. Não feches os olhos com força, não te sobressaltes se ele te tocar. Não era a primeira vez que fingia estar a dormir... até já havia enganado Nina quando queria ficar acordada a ler.

Ouviu música e quase deu um pulo. O homem — o lobo, pois já conhecia a sua voz e reconhecia-a de quando ele a ajudara a subir à árvore — disse um palavrão, mas atendeu o telefone noutro tom:

— Olá, amor. Estás a ligar do telefone da idiota da ama, certo? Assim, se a polícia investigar, ela ficará com as culpas. Bom, bom. Como estão as coisas? Sim, sim, ela está bem. Estou a olhar para ela neste momento. Dorme como um bebé. — Cravou um dedo nas costelas de Cate e a menina não se mexeu. — Linda menina. Continua assim. Não me desiludas. Voltarei a ligar dentro de trinta minutos. Sabes que sim, amor. Só mais uns dias e estaremos livres em casa. Estou a contar as horas.

Cate ouviu um sussurro, não se mexeu, depois ouviu-o afastar-se.

— Imbecis — murmurou ele com uma espécie de riso na voz. — As pessoas são umas imbecis. E as mulheres são as piores.

Fechou a porta e trancou-a.

Ela não se mexeu. Esperou simplesmente, contando mentalmente até cem, depois mais cem, até arriscar entreabrir os olhos. Não o viu nem o ouviu, mas continuou a respirar profundamente, como se estivesse a dormir.

Sentou-se lentamente e tirou a colher de debaixo da almofada. Aproximou-se da janela o mais silenciosamente possível. Um dia, ela e o avô haviam construído uma casinha para pássaros. Ela sabia o que eram pregos e como os cravar com um martelo. Ou arrancá-los.

Cate usou a colher, mas as suas mãos estavam escorregadias com suor. Quase a deixou cair e esteve prestes a voltar a chorar. Limpou as mãos e a colher às calças de ganga e tentou novamente. De início, o prego não se moveu, nem um bocadinho. Depois, pareceu-lhe que sim e tentou com mais força.

Julgou que estava a conseguir, que estava quase a conseguir, quando ouviu vozes lá fora. Apavorada, desceu para o chão e começou a ofegar descontroladamente.

Um carro arrancou. Ouviu os pneus sobre a gravilha. Ouviu uma porta bater. A porta da casa. Um dos homens estava em casa, o outro tinha ido a algum lugar. Levantou a cabeça e viu os faróis traseiros afastarem-se.

Talvez fosse melhor esperar que estivessem os dois em casa novamente, mas estava com demasiado medo e, de dentes cerrados, tentou de novo.

O prego soltou-se, voou e caiu no chão com um clique que lhe soou a uma explosão. Ela saltou para cima da cama, esforçou-se por se manter imóvel, para respirar fundo, mas não conseguia parar de tremer.

Não apareceu ninguém e ela verteu lágrimas de alívio.

As mãos estavam novamente transpiradas, mas ela começou a tentar arrancar o segundo prego. Guardou-o no bolso e limpou os dedos suados e doridos. Conseguiu girar o fecho da janela. Quando abriu uma fresta, pareceu-lhe fazer muito barulho. Mas não apareceu ninguém, nem sequer quando a abriu mais, o suficiente para pôr a cabeça de fora e sentir o ar frio da noite.

Demasiado alto, demasiado alto para saltar.

Pôs-se à escuta, tentando ouvir sons do oceano, de carros ou de pessoas, mas não ouviu nada além da brisa, o uivo de um coiote, o pio de uma coruja.

Não havia árvores ao seu alcance, nem saliências, nem treliças, nem nada que pudesse ajudá-la a descer, mas ela tinha de descer e depois correr. Tinha de fugir e pedir ajuda.

Começou pelos lençóis. Inicialmente, tentou rasgá-los, mas não conseguiu. Então, atou-os uns aos outros o mais firmemente possível e depois acrescentou as fronthas.

A única coisa a que podia prendê-los no quarto era um dos postes da cama. Seria como a Rapunzel, só que com lençóis em vez de cabelo, pensou. Iria escapar pela janela da torre.

Os nervos deram-lhe vontade de fazer chichi outra vez, mas ela controlou-se e firmou o queixo enquanto dava o nó em torno do poste.

Então, ouviu o carro voltar e sentiu o nó do estômago apertar muito mais do que qualquer um que conseguisse dar com os lençóis. Se algum deles fosse vê-la naquele momento, perceberia o que estava a fazer. Devia ter esperado.

Encurralada, não podia fazer nada além de ficar sentada no chão a imaginar a porta a abrir-se. As máscaras. A arma. Os seus dedos partindo-se.

Encolheu-se numa bola e fechou os olhos com força.

OuvIU de novo as vozes, que entravam pela janela. Se os homens olhassem para cima, veriam que a tinha aberto?

Um deles, o lobo, disse:

— Credo, imbecil, achas que isto é hora de ficares pedrado?

O palhaço riu-se.

— Podes crer. Eles vão arranjar o dinheiro?

— Sem espinhas, principalmente quando ouviram a gravação — respondeu o lobo, e as vozes deixaram de se ouvir. A porta bateu.

Demasiado assustada para se preocupar em não fazer barulho, Cate arrastou a corda improvisada até à janela e atirou-a para fora. Percebeu de imediato que era demasiado curta e pensou nas toalhas da casa de banho.

No entanto, os homens podiam entrar a qualquer momento, por isso, esgueirou-se pela janela, agarrada aos lençóis. As suas mãos deslizaram alguns centímetros e ela teve de sufocar um grito, mas agarrou-se com força e abrandou a descida.

Viu luz nas janelas abaixo. Se olhassem pela janela e notassem os lençóis, vê-la-iam e seria apanhada. Talvez a matassem simplesmente. Não queria morrer.

— Por favor, por favor, por favor.

O instinto fê-la prender o lençol entre as pernas e deslizar até à ponta. Conseguia ver o interior da casa: uma cozinha grande com aço inoxidável, balcões de pedra castanho-escura e paredes num tom verde não vivo, mas claro.

Cate fechou os olhos, soltou-se e deixou-se cair.

Magoou-se. Teve de conter outro grito quando embateu no chão. Torceu o tornozelo e bateu com o cotovelo, mas não parou.

Correu para as árvores, acreditando com todas as suas forças que não a encontrariam se chegasse ao arvoredo.

Quando chegou, continuou a correr.

Aidan entrou silenciosamente no quarto que partilhava com Charlotte. Exausto e mortificado, aproximou-se das janelas. A sua Catey estava lá fora, algures. Assustada, sozinha. *Deus do Céu, não permitas que lhe façam mal.*

— Não estou a dormir — murmurou Charlotte, e sentou-se na cama. — Só tomei meio comprimido, para me acalmar. Lamento muito, Aidan. O meu

ataque de histeria não ajudou ninguém. Não ajuda a nossa menina. Mas estou apavorada.

Ele aproximou-se da cama, sentou-se e segurou-lhe na mão.

— Ele voltou a ligar.

Ela susteve a respiração e apertou-lhe a mão.

— Caitlyn.

Aidan não lhe diria que havia exigido falar com a filha, para se assegurar de que a menina estava bem. Não lhe diria que ouvira o grito da filha e o seu choro enquanto chamava pelo papá.

— Eles não têm motivo nenhum para lhe fazer mal e têm todos os motivos para não o fazer.

Dez milhões de motivos, pensou ele.

— O que disseram eles? Vão libertá-la? Vamos arranjar o dinheiro?

— Ele quer o dinheiro até à meia-noite de amanhã. Por enquanto, recusa-se a dizer onde. Voltará a ligar. O meu pai e a minha avó estão a tratar disso. Ele diz que, quando receber o dinheiro, nos dirá onde está a Cate.

— Vamos recuperá-la, Aidan. — Charlotte abraçou-se ao marido e baloiçou-se. — E nunca mais a deixaremos. Quando ela estiver a salvo, novamente connosco, novamente em casa, nunca mais voltaremos a esta casa.

— Charlotte...

— Não! Nunca mais voltaremos a esta casa, onde uma coisa destas pode acontecer. Quero a Nina despedida. Quero-a daqui para fora. — Recuou, com os olhos repletos de lágrimas e de fúria. — Tenho estado aqui angustiada, apavorada, a imaginar a minha filha presa algures, a chorar por mim. A Nina foi, no mínimo, negligente. Mas também pode ter feito parte disto, Aidan.

— Oh, Charlotte, a Nina adora a Cate. Agora escuta, escuta. Achamos que deve ter sido alguém do *catering* ou do pessoal do evento, ou alguém que se tenha feito passar por eles. Tinham de ter um carro ou uma carrinha para a levar daqui. Tinham de ter tudo planeado.

As lágrimas inundaram o azul-ártico dos olhos de Charlotte e escorreram pelas suas faces pálidas.

— Pode ter sido alguém da família, um amigo. Ela teria ido com alguém conhecido.

— Não acredito nisso.

— Não me interessa. — Charlotte fez um gesto de desdém com a mão. — Só a quero de volta. O resto não me interessa.

— É importante descobrirmos quem e como. Se contactássemos a polícia...

— Não, não, não! O dinheiro é mais importante para ti do que a Caitlyn, a nossa menina?

Perdoar-lhe-ia aquelas palavras, pensou ele. Ela estava devastada, com má cara, por isso, ele acabaria por lhe perdoar aquelas palavras.

— Sabes que não é nada disso. Por mais transtornada que estejas, não me digas uma coisa dessas.

— Então, para de me falar na polícia quando ligar-lhes pode fazer com que a matem! Quero a minha menina em casa, quero-a a salvo. Ela não está segura aqui. Não está segura com a Nina.

Ela estava a encaminhar-se de novo para a histeria... ele reconhecia os sinais. Mas não podia censurá-la por isso.

— Está bem, Charlotte, falamos sobre tudo isto mais tarde.

— Tens razão. Eu sei que tens razão, mas estou apavorada, Aidan. Estou a deixar-me enervar outra vez, porque não suporto pensar na nossa menina sozinha e assustada. Deus do Céu, Aidan. — Apoiou a cabeça no ombro dele.

— Onde está a nossa menina?

CAPÍTULO TRÊS



Caitlyn correu, correu até não poder mais, até se sentar no chão a tremer. Havia tropeçado umas quantas vezes quando as árvores tapavam o luar e agora tinha as mãos ligeiramente ensanguentadas e havia rasgado as calças de ganga. Doía-lhe o joelho, o tornozelo e o cotovelo, mas não podia parar demasiado tempo.

Já não conseguia ver as luzes do local onde havia estado e isso era bom. Como poderiam encontrá-la quando não a conseguiam ver?

A parte má? Não sabia onde se encontrava. Estava demasiado escuro e ela tinha muito frio.

De quando em quando, ouvia coiotes e outras coisas que sussurravam. Caitlyn tentava não pensar em ursos nem em gatos-selvagens. Achava que não estava suficientemente alto nas montanhas para isso — o avô havia-lhe dito que esses animais viviam a maior altitude e não se aproximavam das pessoas —, mas não tinha a certeza.

Nunca havia estado sozinha na floresta.

A única certeza que tinha era que precisava de prosseguir na mesma direção. Afastar-se. Mas nem sequer tinha a certeza disso, porque inicialmente estava tão assustada que não prestara atenção.

Em vez de correr, agora caminhava. Consequia ouvir melhor quando a própria respiração não lhe assobiava nos ouvidos. Conseguiria ouvir se alguém — ou algo — a perseguisse.

Sentia-se extremamente cansada e só queria enroscar-se e dormir. Porém, se o fizesse, alguma coisa poderia comê-la. Ou, pior, poderia acordar de novo naquele quarto. Onde lhe partiriam os dedos e a matariam.

O estômago doía-lhe com a fome, e a garganta estalava com a sede.

Quando os seus dentes começaram a bater, não percebeu se era de medo ou de frio.

Talvez pudesse dormir, só um pouco. Podia trepar a uma árvore e dormir nos ramos. Era muito difícil pensar quando estava tão cansada, com tanto frio.

Parou, apoiou-se numa árvore e encostou a face à casca. Se subisse a uma árvore e dormisse, quando amanhecesse talvez conseguisse ver onde estava. Ela sabia que o Sol nascia a leste, sabia que o oceano ficava a oeste. Então, se visse o oceano, saberia...

O quê? Continuava sem saber onde estava, porque não sabia onde havia estado.

E quando amanhecesse eles poderiam encontrá-la.

Prosseguiu penosamente, de cabeça baixa devido à fadiga e arrastando os pés, pois já não conseguia levantá-los.

Meio a sonhar, continuou a andar. E sorriu ligeiramente ao ouvir um som. Despertou subitamente e escutou com atenção.

Seria o oceano? Parecia-lhe que sim... E algo mais.

Esfregou os olhos cansados e olhou em frente. Uma luz. Viu uma luz. Manteve os olhos fixos nela e continuou a andar.

O *oceano*, pensou outra vez. O som estava mais alto, mais próximo. E se tropeçasse e caísse de um penhasco? Mas a luz também estava mais próxima.

O arvoredo deu lugar a uma clareira. Caitlyn viu um campo ao luar. Amplo e coberto de erva. E... vacas. A luz, para lá da orla da floresta e do campo, vinha de uma casa.

Quase embateu no arame farpado que cercava as vacas.

Cortou-se ligeiramente quando o atravessou e rasgou a camisola nova. Recordava-se, de quando fizera o filme na Irlanda, de que as vacas eram muito maiores do que pareciam nos livros e ao longe.

Pisou cocó de vaca e disse «uh» com a repugnância de uma menina de dez anos. A partir dali, depois de limpar a sapatilha na erva, tentou tomar atenção onde pisava.

Consequia ver agora uma casa, de frente para o oceano, com *decks* em cima e em baixo e uma luz nas janelas do piso térreo. Celeiros e coisas que indicavam tratar-se de um rancho.

Atravessou de novo o arame farpado... desta vez com maior êxito.

Viu uma carrinha, um carro, sentiu o cheiro a estrume e animais.

Depois de tropeçar novamente, começou a correr para a casa. Poderia haver alguém que a ajudasse, alguém que a levasse para casa. Então, estacou.

Também podiam ser pessoas más. Como poderia saber? Podiam até ser amigas das pessoas que a haviam trancado no quarto. Precisava de ter cuidado.

Devia ser tarde, portanto, estariam a dormir. Só tinha de entrar, encontrar um telefone e ligar para o número de emergência. Depois, podia esconder-se até a polícia chegar.

Aproximou-se furtivamente da casa, até ao amplo alpendre da frente. Embora esperasse encontrá-la trancada, experimentou abrir a porta e quase desmaiou de alívio quando a maçaneta girou.

Entrou silenciosamente.

A lamparina à janela ardia com chama branda, mas ardia. Conseguia ver a grande sala, mobília, uma grande lareira e escadas para o piso superior.

Não via nenhum telefone, por isso, avançou para a cozinha, onde havia plantas verdes a crescer em vasos vermelhos num amplo peitoril, uma mesa com quatro cadeiras e uma fruteira.

Agarrou numa reluzente maçã verde e deu uma dentada. Quando a sentiu estalar entre os dentes, e o sumo escorrer-lhe pela língua e pela garganta, percebeu que nunca tinha provado nada tão bom. Viu o telefone sem fios em cima do balcão, junto a uma torradeira.

Então, ouviu passos.

Como a cozinha não tinha nenhum sítio onde pudesse esconder-se, correu para a sala de jantar contígua. Agarrada à maçã, com sumo a escorrer-lhe pela mão, enfiou-se num canto escuro ao lado de um volumoso aparador.

Quando as luzes da cozinha se acenderam, Caitlyn tentou encolher-se.

Viu-o de relance quando ele se dirigiu ao frigorífico. Um rapaz, não um homem, embora parecesse mais velho e mais alto do que ela. Tinha uma cabeleira louro-escura desgrenhada e usava apenas uns *boxers*.

Se não estivesse tão apavorada, a visão de um rapaz quase nu, que não era seu primo, tê-la-ia deixado morta de vergonha e fascinada.

Era bastante magro, reparou quando ele tirou uma coxa de galinha do frigorífico e a comeu enquanto retirava um jarro de leite — não um pacote, como havia nas lojas.

Bebeu o leite diretamente do jarro e pousou-o no balcão. Cantou baixinho, ou cantarolou por entre dentes, enquanto tirava um pano de cima de uma espécie de tarte.

Foi nessa altura que ele se virou, ainda a cantarolar, para abrir uma gaveta... e a viu.

— Uau! — Quando o choque o fez dar um salto para trás, ela teve um instante para correr. Mas antes de ela conseguir recompor-se, ele inclinou a cabeça e disse: — Ei. Perdeste alguma coisa?

O rapaz deu uns passos em direção a ela, e ela encolheu-se.

Muito tempo depois, que lhe pareceria uma eternidade, ela recordaria com precisão as palavras e a expressão dele.

O rapaz sorriu-lhe e falou com descontração, como se se tivessem encontrado num parque ou numa gelataria.

— Está tudo bem. Estás segura. Ninguém te vai fazer mal. Olha, tens fome? A minha avó faz uma galinha frita espetacular. Temos sobras. — Agitou a coxa de galinha que ainda tinha na mão para o provar. — Chamo-me Dillon. Dillon Cooper. Este é o nosso rancho. Meu, da minha avó e da minha mãe.

Deu mais uns passos enquanto falava e depois agachou-se. Quando o fez, os seus olhos mudaram. Ela reparou então que eram verdes, mas mais suaves e serenos do que os do seu bisavô.

— Estás a sangrar. Como te magoaste?

Ela começou a tremer outra vez, mas não foi por medo dele. Talvez fosse por não sentir medo dele.

— Caí e depois cortei-me nas coisas afiadas do sítio onde estão as vacas.

— Vamos tratar de ti, OK? É melhor vires sentar-te na cozinha. Temos coisas para tratar de ti. Como te chamas. Chamo-me Dillon, lembra-te?

— Caitlyn. Cate. Com um «C».

— Cate, é melhor vires sentar-te na cozinha para podermos tratar de ti. Tenho de ir chamar a minha mãe. Ela é fixe — disse ele rapidamente. — A sério.

— Tenho de ligar para o número de emergência. Preciso de um telefone para ligar para o número de emergência, por isso entrei. A porta não estava trancada.

— Tudo bem, deixa-me só ir chamar a minha mãe. Caramba, ela ia passar-se se a polícia chegasse enquanto estava a dormir. Apanharia um susto.

O queixo de Cate começou a tremelicar.

— Também posso telefonar para o meu papá?

— Claro, claro. E se viesses primeiro sentar-te? Podes terminar a tua maçã enquanto vou chamar a minha mãe.

— Havia uns homens maus — sussurrou ela, e ele esbugalhou os olhos.

— Porra, a sério? Não digas à minha mãe que eu disse «porra». — Quando ele lhe estendeu uma mão, ela aceitou-a. — Onde estão eles?

— Não sei.

— Vá, não chores. Vai ficar tudo bem agora. Senta-te e deixa-me ir chamar a minha mãe. Não fujas, está bem? Porque nós vamos ajudar-te. Prometo. Acreditando nele, ela baixou a cabeça e assentiu.

Dillon queria a sua mãe, mais do que qualquer outra coisa ou alguém, e correu para as escadas das traseiras. Encontrar uma miúda escondida em casa

durante um assalto ao frigorífico fora fixe — ou teria sido, se ela não tivesse cortes e nódoas negras. E se não parecesse suficientemente assustada para fazer chichi nas calças.

Depois, voltara a ser fixe porque ela queria chamar a polícia, e mais fixe ainda porque havia vilões. Só que ela era apenas uma miúda e alguém lhe havia feito mal.

Entrou apressadamente no quarto da mãe, sem bater à porta, e sacudiu-lhe o ombro.

— Mãe, mãe, acorda.

— Meu Deus, Dillon, o que foi?

Ela tê-lo-ia afastado e ter-se-ia virado para o outro lado, mas ele sacudiu-a outra vez.

— Tens de te levantar. Está uma miúda lá em baixo e está ferida. Ela disse que quer chamar a polícia por causa de uns homens maus.

Julia Cooper abriu um olho turvo.

— Dillon, estás a sonhar outra vez.

— Não estou, não. Juro por Deus. Tenho de voltar para a cozinha porque ela está assustada e talvez fuja. Tens de vir. Ela está a sangrar um bocadinho.

Agora totalmente desperta, Julia sentou-se abruptamente na cama e afastou os longos cabelos louros do rosto.

— A sangrar?

— Despacha-te, sim? Credo, tenho de ir buscar umas calças.

Dillon entrou disparado no seu quarto, agarrou nas calças de ganga e na *sweatshirt* que havia atirado para o chão... ainda que não devesse fazê-lo. Enfiou apressadamente uma perna nas calças, avançou aos saltinhos e enfiou a outra. Desceu as escadas de pés descalços a batucarem nos degraus enquanto vestia a camisola.

Ela continuava sentada à mesa, o que o fez soltar um suspiro de alívio.

— A minha mãe já vem. Vou buscar o *kit* de primeiros socorros à despensa. Ela saberá o que fazer. Podes comer a coxa, se quiseres. — Apontou para a que tinha deixado na mesa. — Só dei uma dentada.

Mas ela encolheu os ombros no momento em que alguém desceu as escadas.

— É só a minha mãe.

— Dillon James Cooper, juro que se tu... — Julia calou-se quando viu a menina, e a irritação sonolenta desvaneceu-se do seu rosto. Tal como o filho, ela sabia abordar alguém magoado e assustado. — Sou a Julia, querida. A mãe do Dillon. Preciso de ver como estás. Dillon, vai buscar *kit* de primeiros socorros.

— Já estou a fazer isso — murmurou ele por entre dentes, e tirou-o de uma prateleira da despensa.

— Agora, vai buscar um pano limpo e uma tigela com água quente. E uma manta. Acende o fogo na lareira da cozinha.

O rapaz revirou os olhos nas costas dela, mas obedeceu.

— Como te chamas, querida?

— Caitlyn.

— Caitlyn, que nome bonito. Primeiro, vou limpar este corte no teu braço. Não me parece que precise de pontos. — Sorriu enquanto falava.

Os olhos dela tinham muito dourado, mas também tinham verde, como os do rapaz. *Como os do Dillon*, recordou Cate.

— Enquanto trato de ti, porque não me contas o que se passou? Dillon, serve um copo desse leite à Caitlyn antes de o arrumares.

— Não quero leite. Eles tentaram dar-me leite, mas sabia mal. Não quero leite.

— Está bem. Que tal...

Julia calou-se quando Cate se sobressaltou. E Maggie Hudson apareceu ao fundo das escadas. Maggie deu uma olhadela a Cate e inclinou a cabeça.

— Estava a perguntar-me que barulho seria este. Parece que temos companhia.

A mulher também tinha cabelos louros, mas mais claros do que os de Dillon e da sua mãe. Os cabelos tinham madeixas azuis e chegavam-lhe aos ombros. Ela usava uma *t-shirt* — com a imagem de uma mulher com muitos caracóis e sob a qual podia ler-se a palavra JANIS — e um par de calças de pijama floridas.

— Esta é a minha mãe — disse-lhe Julia enquanto limpava os golpes no braço de Cate. — Põe a manta sobre os ombros da Caitlyn, Dillon. Ela tem frio.

— Vamos acender esta lareira também.

— Estou a tratar disso, avó — disse o rapaz num tom ofendido, mas ela limitou-se a fazer-lhe uma festa nos cabelos enquanto avançava para a mesa — Sou Maggie Hudson, mas podes tratar-me por avó. Parece-me estar a precisar de chocolate quente. Eu tenho uma receita secreta.

Tirou um pacote de chocolate solúvel de um armário e piscou o olho a Cate.

— Esta é a Caitlyn, mãe. Ela estava prestes a contar-nos o que aconteceu. Podes fazer isso, Caitlyn?

— Nós estávamos a brincar às escondidas depois da homenagem ao meu bisavô e eu fui até à árvore junto à garagem para subir e me esconder, mas

estava lá um homem que me atacou com alguma coisa e eu acordei noutro lugar.

As palavras saíam-lhe em catadupa enquanto Maggie colocava uma grande caneca no micro-ondas, Julia espalhava pomada nos cortes e Dillon, agachado para acender a lareira da cozinha, a olhava de olhos arregalados.

— Eles usavam umas máscaras de palhaço mau e lobisomem e disseram que me partiam os dedos se eu não fizesse o que eles mandassem. E o palhaço tinha uma arma e disse que me matava. Mas eu não comi a sopa nem bebi o leite porque sabiam mal. Eles punham drogas para dormir nas coisas, os maus fazem isso, portanto, deitei tudo na sanita e fingi estar a dormir.

— C'um caraças!

Julia limitou-se a dirigir um olhar a Dillon para o calar.

— Isso foi inteligente. Querida, eles magoaram-te?

— Derrubaram-me quando abriram a porta com força, e o palhaço mau puxou-me os cabelos com muita força. Mas eles pensavam que eu estava a dormir e um deles, o lobisomem, entrou e falou ao telefone. E continuei a fingir e enganei-o. Guardei a colher da sopa e usei-a para tirar os pregos do fecho da janela. Um deles saiu de carro. Eu conseguia ouvi-los a falar lá fora e ele foi-se embora, e foi nessa altura que abri a janela para sair, mas era demasiado alto para saltar. — O micro-ondas apitou, mas Caitlyn continuou a fitar os olhos de Julia. Sentia segurança naqueles olhos dourados e verdes. Na sua bondade. — Atei os lençóis uns aos outros. Não consegui rasgá-los, mas atei-os, e então o que tinha saído voltou e eu fiquei com medo, porque se ele entrasse podia ver-me e partia-me os dedos.

— Agora ninguém te fará mal, querida. — Maggie pousou o chocolate quente na mesa.

— Eu tive de descer pelos lençóis e as minhas mãos estavam sempre a escorregar, e havia luzes acesas no andar de baixo, e os lençóis não eram suficientemente compridos, por isso, tive de saltar. Magoei um bocadinho o tornozelo, mas corri. Havia árvores, montes de árvores, por isso, corri para lá e continuei a correr, caí e magoei o joelho, mas continuei a correr. Não sabia onde estava. — As lágrimas começaram a escorrer-lhe pelas faces e Julia limpou-as com delicadeza. — Então, ouvi o oceano; um bocadinho e depois mais. E vi a luz. Vocês tinham a luz acesa e eu segui-a e vi as vacas, a casa e a luz. Mas eu tinha medo de que também fossem más pessoas, por isso, entrei sem fazer barulho. Eu queria ligar para o número de emergência. Roubei uma maçã porque estava com fome e o Dillon desceu e encontrou-me.

— É uma história dos diabos. — Maggie pôs um braço em redor de Dillon. — És a menina mais corajosa que já conheci.

— Se os maus me descobrirem aqui, vão matar-me, vão matar toda a gente.

— Eles não virão aqui. — Julia afastou os cabelos do rosto de Cate. — Conheces a casa onde estavas a brincar às escondidas?

— É a casa do meu bisavô. Ele chamou-lhe Sullivan's Rest.

— Querida menina. — Maggie sentou-se. — És bisneta do Liam Sullivan?

— Sim, senhora. Ele morreu, e nós fizemos uma celebração à sua vida. Conhecia-o?

— Não, mas admirava-o. Admirava o seu trabalho e a sua vida.

— Bebe o teu chocolate quente, Caitlyn. — De sorriso no rosto, Julia alisou os cabelos desgrenhados de Cate. — Vou ligar para o número de emergência.

— Pode ligar também para o meu papá? Pode dizer-lhe onde estou?

— Claro. Sabes o número? Se não, eu posso...

— Sei. — Cate disse-lho.

— Linda menina. Mãe, aposto que a Caitlyn está a precisar de um lanchinho.

— Aposto que sim. Dil, senta-te aqui com a Caitlyn e faz-lhe companhia enquanto mexo uns ovos. Nada como uns ovos mexidos a meio da noite.

Ele fê-lo. Tê-lo-ia feito de qualquer forma, porque ela era uma convidada e era isso que se fazia. Mas fê-lo principalmente porque a achava verdadeiramente incrível.

— Fizeste uma corda com lençóis e desceste por uma janela.

— Tive de o fazer.

— Nem toda a gente seria capaz de o fazer. Isso é incrível. Quer dizer, tu foste raptada e foste mais inteligente do que eles.

— Eles achavam que eu era parva. Dava para perceber isso.

Visto que ela não queria, Dillon agarrou na coxa e deu outra dentada.

— Não és mesmo. Estavas numa casa?

— Penso que sim. Acho que estava nas traseiras e só conseguia ver árvores e as montanhas. Eles mantinham o quarto às escuras. Quando descí pela janela, vi a cozinha. Não era tão bonita como esta, mas era bonita. Mas... não consegui perceber onde estava e andei às voltas no meio das árvores, por isso, não sei. E não sei quanto tempo dormi depois de me terem espetado a seringa.

Ela parecia assustada, mas sobretudo cansada. Para lhe dar algum ânimo, ele agitou a coxa e disse:

— Aposto que a polícia vai encontrar a casa e os homens maus. Somos amigos do xerife e ele é bastante inteligente. Talvez os homens maus nem sequer saibam que fugiste.

— Talvez. Ele disse, ao telefone com alguém... — Caitlyn franziu o sobrolho e tentou lembrar-se. Então, Julia chegou com o telefone na mão.

— Caitlyn, alguém quer falar contigo.

— É o papá? — Cate agarrou no telefone. — Papá! — As lágrimas voltaram-lhe aos olhos e escorreram-lhe pelas faces enquanto Julia lhe afagava os cabelos. — Estou bem. Escapei. Fugi e estou com a Julia, a avó e o Dillon. Vens cá? Sabes onde estou?

Julia curvou-se e beijou o alto da cabeça de Cate.

— Vou dizer-lhe exatamente onde.

— A avó está a fazer ovos mexidos. Estou cheia de fome. Também te amo, papá. — Devolveu o telefone a Julia e limpou as lágrimas. — Ele chorou. Nunca o tinha ouvido chorar.

— São lágrimas de felicidade. — A avó pousou um prato com ovos e torrada diante de Cate. — Porque a sua menina está a salvo.

A menina atirou-se aos ovos enquanto a avó servia o resto dos pratos.

Cate comeu os ovos e a torrada, e tinha começado a comer a tarte que Julia lhe pusera à frente quando alguém bateu à porta.

— Os homens maus...

— Não bateriam à porta — assegurou-lhe Julia. — Não te preocupes.

Ainda assim, Cate sentiu uma dor no peito, como se alguém lho pressionasse, quando Julia se dirigiu para a porta. Quando Dillon lhe segurou na mão, ela apertou-lha com força. E susteve a respiração quando Julia abriu a porta, embora isso lhe fizesse doer mais o peito.

Então tudo desapareceu, tudo, quando ouviu a voz do pai.

— Papá!

A menina saltou da cadeira, saiu a correr da cozinha e correu para o pai como havia corrido para a floresta. Ele apanhou-a, levantou-a e apertou-a contra si. Ela sentiu-o tremer, sentiu a sua barba áspera no rosto. Sentiu as lágrimas do pai misturarem-se com as suas.

Outros braços rodearam-na, envolvendo-a numa sensação de calor e segurança.

O avô.

— Cate. Catey. Oh, minha querida. — Aidan fê-la recuar um pouco e os seus olhos encheram-se com mais lágrimas quando olhou para o rosto da filha. — Ele magoou-te.

— Eu cá porque estava escuro. Eu fugi.

— Agora estás em segurança. Estás a salvo.

Enquanto Aidan embalava a filha, Hugh virou-se para Julia e agarrou-lhe as mãos.

— Não tenho palavras para agradecer. — Olhou para Maggie e Dillon, que os observavam. — Para vos agradecer a todos.

— Não precisa de agradecer. Tem aqui uma menina inteligente e corajosa.

— O Dillon encontrou-me, a mãe dele tratou dos meus cortes e a avó preparou-me uns ovos.

— Senhora Cooper. — Aidan tentou falar, mas as palavras não lhe saíram.

— Julia. Estou a fazer café. O xerife está a caminho. Pareceu-me melhor chamá-lo, se bem que entendo que provavelmente quer levar a Caitlyn para casa e resolver o assunto lá.

— Agradecia um café. Só quero ligar à minha mulher, para lhe dizer e ao resto da família que já temos a nossa menina. — Hugh deslizou uma mão pelos cabelos de Cate. — Se não for um incómodo, creio que seria melhor falar com o xerife aqui e agora.

— Há um telefone na cozinha. — Maggie avançou. — Aqui não temos uma boa rede móvel. Maggie Hudson — acrescentou ela e estendeu uma mão.

Hugh ignorou a mão e abraçou-a.

— Bom, que dia incrível... e ainda nem sequer amanheceu. Conhecemos a menina mais corajosa da Califórnia e eu recebi um abraço do Hugh Sullivan. Venha até à cozinha, Hugh.

— Pouco tempo antes de telefonarem, a mãe da Cate tomou finalmente um comprimido para dormir — explicou Aidan. — Cate, ela vai ficar tão feliz quando acordar e te vir. Estávamos com muito medo, muito preocupados. — Levantou o braço ligado da menina e beijou-o.

— Sente-se com a Cate, descansem um pouco. Vou ajudar a preparar o café. Que tal mais chocolate quente, Cate?

Ainda aninhada nos braços do pai, a menina anuiu com a cabeça.

— Sim, por favor.

Contudo, assim que o disse, a luz de faróis atravessou as janelas da frente.

— Deve ser o xerife. Ele é um homem bom — disse ela a Cate.

— Ele vai atrás dos homens maus?

— Claro que sim. — Julia foi até à porta, abriu-a e saiu para o alpendre. — Xerife.

— Julia.

Red Buckman parecia mais um surfista do que um polícia. Podia estar mais perto dos cinquenta do que dos quarenta, mas, sempre que tinha tempo, ainda agarrava na sua prancha e ia apanhar ondas. Os seus cabelos, aclarados pelo sol, estavam apanhados numa curta trança que caía sobre a gola do casaco. O seu rosto, bronzeado e enrugado pelas horas passadas na praia e na água, apresentava muitas vezes uma enganadora expressão de displicência.

Julia sabia que ele era um homem inteligente, perspicaz e dedicado. Tal como sabia que ele e a sua mãe tinham uma descontrainda relação de «amigos coloridos».

— Creio que ainda não conheces a agente Wilson. Michaela, esta é Julia Cooper.

— Minha senhora.

Ao lado de Red, a beldade de pele escura e olhos cor de mel apresentava-se impecável no seu uniforme caqui. Mal tinha idade para beber e parecia um soldado com os seus sapatos reluzentes, pensou Julia.

— A Caitlyn está na sala com o pai. O avô dela também está cá.

— Deixa-me primeiro fazer-te uma pergunta: tens a certeza de que a miúda não fugiu simplesmente de casa?

— Essa questão não se põe, Red. Constatarás isso quando falares com ela. Ela está mais calma, mas aquela miúda estava apavorada e deram-lhe motivos para isso. Ela queria ligar para o número de emergência e para o pai.

— Muito bem. Vamos a isto.

O xerife entrou e a assistente seguiu-o.

Sentada ao colo de Aidan, Cate olhou-o de alto a baixo, sem pestanejar.

— É mesmo o xerife?

— Exatamente. — Red tirou um distintivo do bolso e mostrou-lho. — É o que diz aqui. Red Buckman — disse ele a Aidan. — É o pai da Caitlyn?

— Sim, Aidan Sullivan.

— E não se importa que falemos com ela?

— Não. Não te importas de falar com o xerife Buckman, pois não, Cate?

— Eu ia ligar para o número de emergência, mas o Dillon encontrou-me antes disso. Então, a Julia ligou.

— Muito bem. Senta-te, Mic — disse ele à assistente, que o fulminou com o olhar por causa do «Mic», mas obedeceu. Red sentou-se na mesinha de centro para poder ficar cara a cara com Cate. — E se me contasses o que aconteceu, desde o princípio?

— Estavam muitas pessoas em Sullivan's Rest, porque o meu bisavô morreu.

— Já soube. Lamento. Conhecias as pessoas que lá estavam?

— Quase todas. Depois de as pessoas se terem levantado para falar dele, para contarem histórias e tudo isso, fui trocar de roupa para brincar no jardim com os meus primos e as outras crianças. Passado um bocado, fomos jogar às escondidas. Era o Boyd a procurar e eu já tinha escolhido o meu esconderijo.

Cate franziu o sobrolho, só por um instante, e depois contou a sua história.

Red não a interrompeu, levantou-se apenas por um momento quando

Maggie entrou com Hugh Sullivan. Aceitou o café e acenou com a cabeça a Cate.

— Continua, querida.

Viu a expressão angustiada de Aidan quando a menina falou das ameaças — dedos partidos e a arma — e viu-o combater as lágrimas.

Na sua cadeira, Michaela tomava notas minuciosas e observava toda a gente.

— Então, eu vi a luz. Primeiro ouvi o oceano — corrigiu ela, depois contou o resto.

— Deves ter sentido muito medo.

— Estava toda a tremer, até por dentro. Tive de parar quando fingi estar a dormir, senão ele percebia.

— Como te lembraste de usar os lençóis para fazer uma corda?

— Vi isso num filme. Pensei que seria mais fácil, mas como não os consegui rasgar, estavam grandes e grossos para atar.

— Não chegaste a ver a cara deles.

— Vi o que estava perto da árvore, por um instante. Ele tinha barba e cabelo louro.

— Conseguirias reconhecê-lo se voltasses a vê-lo?

— Não sei. — A menina encolheu-se contra o corpo do pai. — É preciso?

— Não nos vamos preocupar com isso. E quanto a nomes? Eles disseram algum nome?

— Acho que não. Espere... Ao telefone, quando eu fingi estar a dormir, ele ligou a uma pessoa e chamou-lhe «amor». Acho que não deve ser um nome.

— Sabes quanto tempo passou desde que desceste pela janela até chegares aqui?

Ela abanou a cabeça.

— Pareceu-me uma eternidade. Estava escuro e frio, e doía-me tudo. Eu tinha medo de que eles me encontrassem, ou talvez aparecesse um urso e me comesse. — Cate encostou a cabeça a Aidan. — Eu só queria ir para casa.

— Claro que sim. E se agora eu falasse um bocadinho com o teu pai e com o teu avô? Talvez o Dil possa mostrar-te o quarto dele.

— Eu quero ouvir. Aconteceu-me a mim. Quero ouvir.

— Ela tem razão — disse Hugh, acariciando a menina quando ela passou do colo de Aidan para o seu. — Aconteceu-lhe a ela.

— Muito bem. Vamos precisar de uma lista das pessoas que estavam na casa. Convidados, empregados da casa, pessoal externo.

— Tê-la-á.

— Quando tivermos isso, averiguaremos quando é que as pessoas saíram

e como. Para já, diga-me quando foi que se aperceberam de que a Cate tinha desaparecido.

— Foi a Nina, a ama dela.

— Nome completo?

— Nina Torez. Está connosco há seis anos... quase sete — corrigiu ele.

— Quando a Catey não entrou em casa com os outros miúdos, a Nina foi à procura dela. Como não conseguiu encontrá-la, veio falar connosco. Fomos todos à procura dela. Creio que quando a Nina apareceu preocupada já passava das seis, talvez fossem quase sete.

— Faltava pouco para as sete — interveio Hugh. — Dividimo-nos em grupos para procurarmos na casa, nos anexos e no exterior. A Nina tinha encontrado o gancho da Cate perto da garagem.

— Perdi os meus travessões.

— Eu compro-te uns novos — prometeu Hugh.

— Estávamos prestes a chamar a polícia — continuou Aidan — quando o telefone tocou.

— Que telefone?

— O telefone da casa.

— A que horas?

— Por volta das oito. Sim, perto das oito. Era uma voz de homem. Ele disse que tinha a Cate e que se ligássemos à polícia ou ao FBI, se disséssemos a alguém... lhe fariam mal. Disse que nos custaria dez milhões, em notas, recuperá-la ilesa, e que voltaria a ligar com mais instruções.

— Alguns de nós continuavam a querer chamar a polícia — disse Hugh, continuando a acariciar Cate. Depois virou o rosto da menina para si. — Tínhamos muito medo por ti. Mas nesse momento a minha nora já estava quase histérica e opôs-se categoricamente. Decidimos então esperar... a coisa mais difícil que já fiz. Decidimos arranjar o dinheiro e esperar. — Beijou o alto da cabeça de Cate. — E rezar.

— A segunda chamada veio por volta das dez e meia. Ele disse que tínhamos até à meia-noite de amanhã... seria esta noite. Disse que voltaria a entrar em contacto connosco para nos dizer aonde devíamos levar o dinheiro e que depois nos diria onde encontrar a Cate.

— O Aidan e eu falámos e concordámos em exigir falar com a Cate, para nos assegurarmos de que...

— Ela gritou. Chamou por mim. — Aidan baixou a cabeça entre as mãos.

— Cate, disseste que um dos homens saiu de carro por algum tempo?

— Sim. Eles foram lá para fora. Ouvi-os através da janela. Vi os faróis traseiros.

— Sabes quanto tempo ele esteve fora?

— Não, mas quando se foi embora, eu arranquei os pregos da janela e comecei a tratar dos lençóis. E ele voltou antes de eu conseguir sair.

— Mas escapaste logo em seguida.

— Eu tinha medo de que eles voltassem ao quarto e vissem a janela aberta e os lençóis. Por isso, saí pela janela.

— És uma menina esperta. Olha, Dillon, a que horas desceste e encontraste a Cate?

— Não sei ao certo. Acordei simplesmente com fome e lembrei-me da galinha frita.

— Posso dizer-te que o Dillon me acordou pouco antes da uma.

— Muito bem. — O xerife tinha a cronologia na sua cabeça e levantou-se.

— Vou deixar-vos levar esta menina para casa. Vamos ter de falar com a ama e com quem ainda estiver na casa. Gostaria de o fazer esta manhã.

— Quando quiser.

— Pode ser por volta das oito? Dou-vos tempo para se instalarem e dormirem um pouco. — Olhou para Cate com olhos castanhos sorridentes. — Talvez tenha de voltar a falar contigo, Cate. Não te importas?

— Não. Vai apanhá-los?

— O plano é esse. Entretanto, pensa um pouco e, se te lembrares de alguma coisa, algum pormenor, diz-me. — Tirou um cartão do bolso. — O meu cartão, com o número do meu gabinete e da minha casa. Também tem o meu *e-mail*. Guarda isso. — Depois de dar uma palmadinha na perna de Cate, Red levantou-se e contornou a mesa. — Estaremos lá por volta das oito. Vamos precisar de revistar a propriedade, principalmente o local onde a Cate viu o homem que a levou. E vamos precisar de falar com todos da casa, e também da tal lista com os convidados, o pessoal, etc.

— Trataremos disso. — Hugh devolveu Cate ao pai e levantou-se para apertar a mão de Red. Depois encaminhou-se para Dillon e fez o mesmo. — Obrigado por teres feito tudo bem.

— Ora, tudo bem.

— Mais do que bem. Obrigado a todos. Gostaria de voltar cá daqui a um ou dois dias.

— Quando quiser — disse-lhe Julia.

— A polícia vai acompanhá-los a casa. — Red piscou o olho a Cate. — Nada de sirenes, mas podíamos ligar as luzes.

A menina sorriu.

— Está bem.

Lá fora, Red sentou-se ao volante e esperou que Michaela entrasse e se

sentasse ao seu lado. Ligou as luzes. Percorreu a estrada do rancho atrás do elegante sedã.

— Alguém próximo da família está envolvido nisto, Mic.

— Michaela — murmurou ela por entre dentes, e bufou. — Sim, senhor, sem dúvida.